

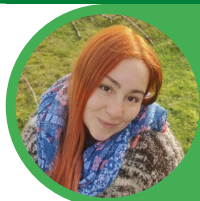
Intercâmbio de experiências Região Mercosul e França

ECONOMIA FEMINISTA E A CONSTRUÇÃO DO BEM VIVER



Virginia Liponezky

Colectiva Ecofeminista La Verdecita



Alejandra Pérez Vidal

Carpa de las Mujeres



Evelyne Cohen

Earthship Sisters



Mariana Lucero

Soy Nosotras



Sistematização elaborada por:

Marianela Mendez - Canoa Hábitat Popular (Argentina)

Camila Mondaca - Rede Chilena Contra a Violência Contra a Mulher (Chile)

Desenho:

Betiana Spadillero - Indeso Mujer (Argentina)

Tradução:

Thaynara Policarpo - Centrac (Brasil)



FICHA TÉCNICA:

O intercâmbio de experiências foi fruto de um trabalho conjunto da **Plataforma Mercosur Social y Solidario (PMSS)** e do **CCFD-Terre Solidaire**.

Ação Educativa Santa Fé (Argentina):

- Miriam Tucci, responsável pela apresentação conceitual.

Associação Ecumênica de Cuyo (Argentina):

- Cecilia Carozzo, responsável pela dinamização.

Canoa Hábitat Popular (Argentina):

- Marianela Mendez, responsável pela dinamização.

CCFD-Terre Solidaire (França):

- Floriane Louvet, responsável pela organização geral.
- Olivier Beal, responsável pelo suporte técnico.
- Claire Pilet, responsável pela dinamização.
- Joël Descoings, responsável pela organização geral.
- Claude Holyst, responsável pela organização geral.

Decidamos. Campanha pela Expressão Cidadã (Paraguai):

- Nilda Duarte, responsável pela divulgação e suporte técnico.

Indeso Mujer (Argentina):

- Betiana Spadillero, responsável pelo suporte técnico e divulgação.
- Cecilia Ancin, responsável pela organização geral.

Intérpretes:

- Virginie Dezetter
- Charlotte Bonillo

Rede Chilena Contra a Violência Contra a Mulher (Chile):

- Camila Mondaca, responsável pela sistematização e apresentação conceitual.

Secretaria Executiva da PMSS (Brasil):

- Ana Patricia Sampaio, responsável pela organização geral.



INTRODUÇÃO:

Este é o terceiro encontro de uma série de diálogos Intertemáticos e de convergências sobre práticas emergentes de reconstrução do comum, e este se enquadra no contexto da data comemorativa do 8 de março, Dia Internacional da Mulher.

Como ressalta Corina Rodríguez, a Economia Feminista se caracteriza por colocar no centro da análise a sustentabilidade da vida. Não busca a reprodução do capital, mas a reprodução da vida. Busca a autonomia, a igualdade, a responsabilidade social, a transparência e vida comunitária.

Nesse sentido, o ponto de partida da Economia Feminista é que não se pode reduzir a produção de vida a números e fórmulas como normalmente se apresentam nos noticiários. Esta é uma forma dominante de pensar a economia, que considera apenas uma pequena parte do conjunto de atividades necessárias para produzir vida e movimentar a sociedade. O cuidado, a limpeza dos ambientes e das roupas, a produção de alimentos e o preparo de refeições, a atenção com a higiene e com os sentimentos, a construção de relações e vínculos, o cuidado com a natureza faz parte da produção do viver e do Bem Viver.

A Economia Feminista tem como uma preocupação central a questão distributiva. E, em particular, foca em reconhecer, identificar, analisar e propor como modificar a desigualdade de gênero como elemento necessário para alcançar a equidade socioeconômica, propondo a construção de uma economia mais sustentável e justa.

Por isso, dizemos que a Economia Feminista faz uma extensa contribuição ao estudo da participação econômica das mulheres, em particular revelando os mecanismos de discriminação no mercado de trabalho. Portanto, também contribuiu para incorporar a dimensão da pobreza e evidenciar os processos de feminização da pobreza que ameaçam não só a autonomia das mulheres, mas fundamentalmente ao bem viver.

Para isso, se propõe a noção de coletivização dos cuidados ou corresponsabilidade social do cuidado, assim como a soberania alimentar, como práticas transformadoras ao sistema capitalista, patriarcal e colonial.

O cuidado, nesse contexto, é proposto como responsabilidade social e não mera escolha individual. Se propõe uma ética de cuidado como um valor público. O norte da mudança ética será a construção de uma "sociedade do cuidado", isso uma vez que a sociedade capitalista e patriarcal que hoje conhecemos e habitamos é justamente produzida a partir de um lugar do "não cuidado", então: Como seria pensar uma nova sociedade a partir de uma ética coletiva do cuidado?

É nesse contexto que diversos grupos de mulheres estão desenvolvendo múltiplas experiências que hoje, algumas delas, irão compartilhar conosco. Mulheres que têm resignificado seu lugar e, assim, realizam ações que visam articular fazeres e saberes vinculados à saúde e ao cuidado dos ecossistemas, reconhecendo o pertencimento, o resgate e a preservação das sementes nativas, as plantas para a saúde, a mata nativa. Experiências de micro empreendimentos, feiras e intercâmbios, processamento coletivo de alimentos, entre outras atividades que fortalecem o tecido de vínculos comunitários exercidos na vida cotidiana, conectando com o sagrado de preservação do ambiente natural que sustenta a comunidade e reconhecendo as pegadas da ancestralidade.



VIRGINIA LIPONEZCKY

Colectiva Ecofeminista La Verdecita



[laverdecitagranja](#)

La Verdecita é uma organização política comunitária territorial onde funcionam 2 coletivos diferentes:

- 🌱 Consórcio de pequenas e pequenos horticultores.
- 🌱 Coletivo de Mulheres e Diversidades Ecofeministas.

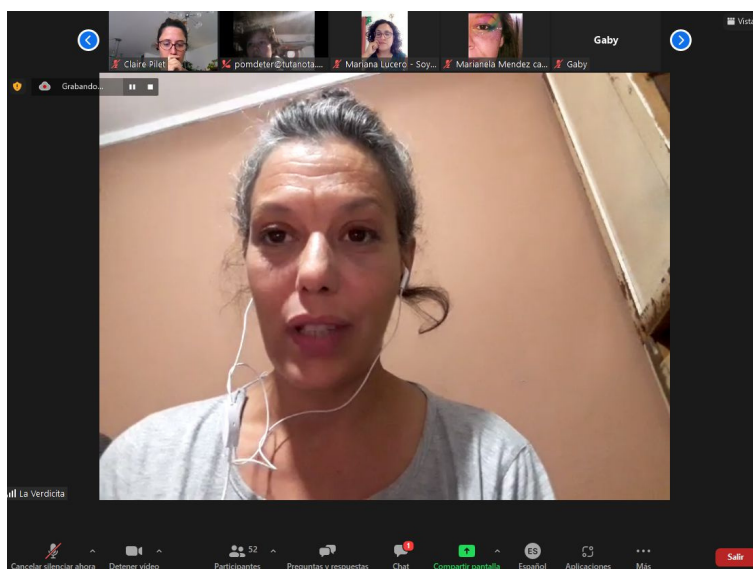
A característica que reúne os dois coletivos é a agricultura familiar e que ninguém é dono da terra que trabalhamos, sendo ela alugada para esses fins.

Santa Fé é uma das poucas cidades que permanece com um cordão hortícola, no resto das cidades e comunidades da Província, terminam os povoados e imediatamente começam as produções de grãos de commodities. Para nós, defender o cordão hortícola do avanço e a pressão imobiliária, do loteamento e da construção de bairros, é uma estratégia para defender a soberania alimentar local, nosso território, nosso tempo e nosso corpo da variável de ajuste. O desaparecimento desse cordão devido ao avanço e à pressão imobiliária que está ocorrendo, implica um risco em produzir menos alimentos e também uma migração ambiental, uma ruptura do que é a idiossincrasia das famílias que vivem na zona periurbana porque terão que migrar para bairros mais precários.

La Verdecita conseguiu visibilizar esta situação e fortalecer o setor. Também empoderar as mulheres do território que fazem horticultura, produção em baixa escala de aves de criação e mel. Uma de nossas grandes conquistas foi conseguir um lugar na feira para poder vender nossos alimentos. Já estamos há nove anos consecutivos onde podemos vender em uma das praças mais importantes de Santa Fé.

Quanto a ruralidade em nosso território, no caso das mulheres, tem sido muito difícil nos encontrarmos para a apropriação de ferramentas de autonomia, tudo isso tem sido um desafio que nos leva a nos capacitarmos juntas.

Por essa razão, consideramos muito importante construir uma genealogia feminina, uma vez que as mulheres têm sido pouco reconhecidas em nossa história; estamos felizes que hoje existam muito mais de nós que reconheçam economia do cuidado.



Fazer militância Ecofeminista, tem sido um posicionamento político que nos tem dado força, pois quando lemos a teoria, nos damos conta de que já vínhamos dialogando sobre as mesmas coisas, isto permitiu potencializar o ativismo e construir massa crítica porque acreditamos que devemos romper com todos os binarismos, incluindo o campo-cidade, já que não é real, pelo menos em nossa região.

Nesse sentido, um dos nossos objetivos em torno dessas ideias é o bem viver, colocando na agenda das cidades o tema do cuidado, da soberania alimentar, nos perguntando e refletindo sobre: quem usa a terra? De que forma usa? Que lugar ocupa a mulher rural? Onde e quando nos escutam?

Nossas tarefas nesse contexto é fazer uma ponte, para isso temos feito oficinas de economia feminista, produzimos um livro coletivo "Feminismo e Agroecologia, oficinas de feminismo"; e nos somamos a outros atores para nos fortalecer.

A agroecologia para nós é um termo profundamente político, não o entendemos como mera prática produtiva, mas como conformação de comunidade, para pensar qual comunidade e qual distribuição territorial queremos. Entendemos que democratizar o cuidado e discutir como se produz o alimento, como se comercializa, como se reconhece e se trata a terra são termos políticos; porque a variável de ajuste sempre recai sobre nós. Essa variável não é uma variável elástica, mas rígida que se cruza com nosso tempo de ócio, de prazer e às vezes com nossa própria vida.



ALEJANDRA PÉREZ VIDAL

Carpa de las Mujeres



CarpadelasMujeres

Assim como a Marcha Mundial das Mulheres, fazemos parte de um movimento feminista mundial e no Chile, estamos há aproximadamente 13 anos. Trabalhamos em torno de dois eixos que são Direitos Sexuais e Reprodutivos, Economia Feminista e Bem Viver, o que nos tem permitido aprofundar os fundamentos da nossa organização e, assim, fortalecê-la.

Inicialmente, considerávamos que a Economia Feminista se relacionava somente aos espaços rurais e à produção soberana de alimento, relacionadas a práticas como a troca de sementes, o cultivo de plantas medicinais, o resgate dos saberes ancestrais e a relação harmoniosa com a natureza. Acreditávamos que as cidades e o urbano eram alheios a essas práticas.

Depois de participar de diferentes espaços de aprendizagem e intercâmbios como feiras, oficinas, encontros; fomos capazes de reconhecer que somos mulheres trabalhadoras, que fazemos contribuições fundamentais para as economias locais e nacionais, que sustentamos a economia e a vida. Compreendemos que o trabalho do cuidado está atravessado por violências patriarcais e econômicas, que invisibiliza as cuidadoras e não as reconhece como sujeitos de direito.



É por tudo isso que hoje entendemos e sustentamos que existe um conflito entre capital e vida; e que o atual sistema econômico dominante esconde permanentemente que existe esse conflito entre a forma como nos organizamos enquanto sociedade e as formas de sustentar da vida.

Finalmente para nós, hoje a Economia Feminista se situa entre o rural e o urbano, como uma alternativa política central; como uma estratégia integral para superar o capitalismo. Estamos falando de uma proposta concreta que emerge dos processos coletivos, da comunidade, com solidariedade e reciprocidade; que realoca a questão do cuidado e permite quebrar lógicas individualistas, permitindo a participação pública e política das mulheres que sustentam esses processos.

Em 2019, no âmbito da Cúpula Mundial dos Povos, como Marcha Mundial das Mulheres, convocamos diversas organizações feministas e socioambientais para articular-nos e construir um espaço para mulheres e dissidências. Literalmente, construímos uma tenda e assim nasceu La Carpa de las Mujeres (a Tenda das Mulheres) que hoje é composta por sete organizações.

Ao participar desta instância, em 2020 reconhecemos a importância de continuar unindo nossas experiências e saberes. Decidimos dar continuidade a esse processo de articulação além do espaço material da tenda e da presença; logo que passamos pelo processo de explosão social, nos encontramos no contexto de uma pandemia e atualmente na abertura do processo constitucional no Chile. Tudo isso nos deixou muito mais alertas e nos chamou a agir com mais frequência dentro dos territórios.

Percebemos que, nesse contexto sociopolítico, se visibiliza com maior força a Economia Feminista e os princípios que a sustentam dentro desse contexto. Vimos como começaram a se massificar as práticas de organização territorial em torno de fundamentos como o Bem Comum e o Bem Viver. Tudo isso como resposta a um Estado que cuidava dos interesses do mercado, aprofundando as políticas extrativistas e não se preocupava com o bem-estar das pessoas. Assim, as cozinhas comunitárias, as hortas comunitárias, as cooperativas são alguns dos exemplos que colocam a sustentabilidade da vida no centro e que cada vez mais adquirem caráter mais político e transformador da realidade da precariedade e exploração que estamos vivendo.

Nós nos propusemos a desvendar essas experiências com o objetivo de que outras e outras as conheçam e as repliquem em seus próprios territórios. Não só a experiência, mas também os insumos e conteúdos que nos convidam a conscientização de que a economia dominante nos explora e que explora o trabalho das mulheres e da natureza também.

Isso nos implicou a levar em conta outros conceitos como a soberania alimentar, a agroecologia, a ecologia. Sempre pensando que essas experiências consigam sustentar-se ao longo do tempo, ampliando-se para outros territórios e que permitam forjar laços entre o urbano e o rural.

Foi assim que levantamos o Cadastro Plurinacional de Experiências Ecofeministas de La Carpa das Mulheres, focado em um livro de compilação de sistematização de experiências da Economia Feminista de mais de 50 organizações de diferentes territórios do Chile.



índice

- 4 **Presentación**
- 7 **I PARTE**
Posicionamiento político
- 8 Economía Feminista, una propuesta política y económica alternativa
- 12 Desafíos de las mujeres en el mundo rural y la soberanía alimentaria
- 15 La defensa de los territorios y las aguas ante el avance extractivista
- 18 Discapacidad, capacitismo y la ideología de la "normalidad"
- 22 Capitalismo y patriarcado: vínculos entre economía y violencia hacia las mujeres
- 25 *Farim se pote mirar*. Una alianza económica de mujeres afrodescendientes en Chile
- 27 Educación popular feminista: hacia una pedagogía del cuerpo
- 30 Colectivizar los cuidados. El desafío de pensar las cooperativas de abastecimiento como potencial de transformación social
- 33 Ollas Comunes: Organización colectiva en tiempos de crisis
- 37 **II PARTE**
Experiencias de Economía Feminista y solidaria
- 38 Zona Sur
- 62 Zona Centro-Sur
- 90 Región Metropolitana y Zona Norte
- 149 **Índice de experiencias**

Relatório disponível aqui



EVELYNE COHEN
Earthship Sisters



earthshipsisters

Earthship Sisters que poderia ser traduzido em português como "Irmãs da Nave Mundo" foi criada em 2018 por Debora Pardo e Natalie Ile. Duas mulheres muito jovens de 30 e 40 anos que criaram essa associação para permitir que outras mulheres empreendessem, criassem seus projetos ou sua empresa, com um impacto ambiental positivo.

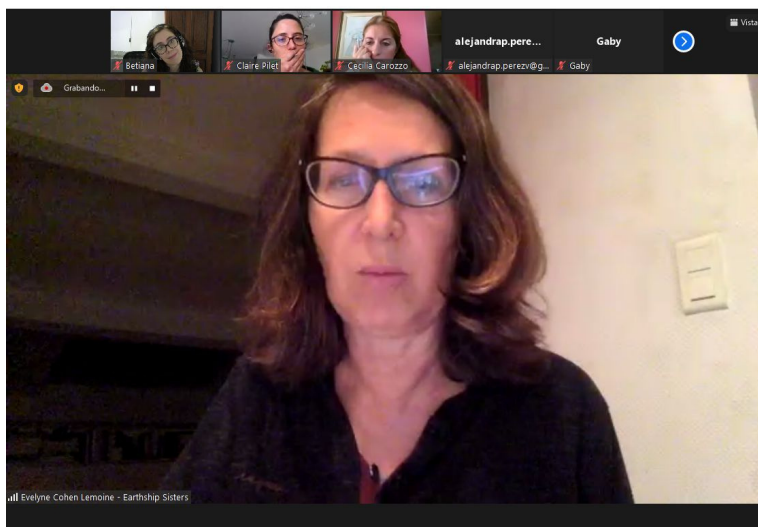
Eu lhes conto um pouco sobre nossos valores e o que fazemos:

🌱 Permitir empreender a serviço do meio ambiente, para mulheres, graças as experiências transformadoras conectadas à natureza, sublimadas no feminino e no poder do coletivo.

🌱 A noção de sororidade do coletivo entre as mulheres é muito importante, com valores de partilha, de entusiasmo, de autenticidade, de sermos claras conosco, que sejamos realmente nós mesmas e não nos moldes do patriarcado e dos modelos dominantes.

🌱 Vivemos uma aventura pessoal. A noção de aventura humana e aventura pessoal vinculada à aventura profissional é algo muito importante para nós.

Esta formação de um ano é voltada para todas as mulheres, independentemente da idade. Temos mulheres muito jovens de 20 e 24 anos e mulheres com mais idade que estão no final de suas carreiras, mas que querem fazer outras coisas, e que querem dar um sentido às suas vidas e seus projetos profissionais. Então temos mulheres também de 60, 40, 30, 20 anos. E elas são de todos os lugares, por exemplo, da Islândia, da Costa do Marfim, da Espanha, da Suíça, da Bélgica, de Paris, e pretendemos nos reunir em nível internacional. Formamos cerca de 15 a 20 mulheres por ano, e agora estamos em nossa terceira geração.



Agora, eu quero lhes falar um pouco sobre os projetos. Essas mulheres que empreendem às vezes vão muito longe em suas mudanças, em sua vontade de transformação e na vontade de ter um impacto na sociedade, um impacto positivo.

🌱 Julia, da Alsácia, que tinha 25 anos na época em que participou de sua promoção, criou uma sacola para coletar resíduos em caminhadas em terra e água, chamada Taca Poca.

🌱 Florençe, que está em Marselha, criou a Agência Citrus, que permite que as empresas de restaurantes trabalhem de forma completamente diferente com os produtos em geral, utilizando os resíduos, criando outra forma de fazer economia, precisamente, no feminino.

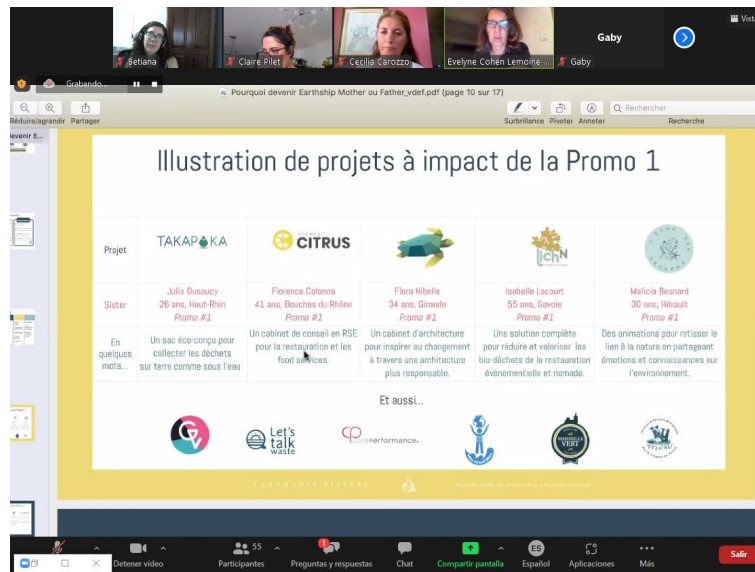
🌱 Flora criou uma agência de arquitetura chamada Turtle Architecture, e a mesma, com uma arquitetura responsável.

🌱 Isabelle criou uma louça compostável que é usada em restaurantes coletivos e em eventos, temos pratos e talheres que podem ser completamente transformados em plantas, na verdade. Elas podem ser plantadas e transformadas em plantas, etc.

🌱 Temos outras que criaram estruturas que permitem que as crianças tenham imersões na natureza, seja na floresta ou em outros contextos naturais.

🌱 Temos alguém que vem da Costa do Marfim, criou um Market Place para permitir que mulheres na África lancem suas empresas de cosméticos éticos e étnicos.

🌱 Laura criou caixas pedagógicas para permitir que as crianças descubram e experimentem a natureza.



Então, todas essas empresas ou todos esses projetos ou todas essas associações têm essa vocação: permitir que as mulheres tenham outro papel, outro impacto na sociedade. E em torno do programa temos a noção do coletivo, da sororidade. E vamos, inclusive partir em navegação por algumas semanas no Mediterrâneo, para acompanhar estas ações, para sensibilizar, para falar com crianças, ou coletivos em inserção, para pessoas que nunca viram o mar, ou que nunca foram para o mar, e para mostrar-lhes o que podemos fazer. Temos essa vontade de trabalhar de forma diferente, de criar os ofícios do amanhã e ter outra forma de economia e do Bem Viver. Poderia ser uma boa palavra para descrever o que fazemos na Earthship Sisters.



MARIANA LUCERO
Soy Nosotras



Soy-Nosotras

Soy Nosotras é um agrupamento político de mulheres que estão em Guaymallén (Mendoza). Começamos a gestar-nos em torno das lutas dos movimentos de mulheres e diversidades por volta de 2014, sobretudo a partir dos Encontros Nacionais (hoje plurinacionais) de Mulheres. Neste processo, nos encontramos com jovens, vizinhas e companheiras com a preocupação de nos organizarmos em torno de dispositivos feministas de autocuidado contra as violências machistas.

A raiz do governo neoliberal de Mauricio Macri, em 2017, mudou os eixos de trabalho da organização. Para fortalecer a economia popular e feminista, criamos uma feira onde não só trocamos produtos, mas também é um espaço de encontro. Trabalhamos o fortalecimento dos Direitos sexuais e Reprodutivos, entendendo que estávamos em um contexto de luta pela Lei de Interrupção Voluntária da Gravidez.

Nossa formação como organização não pode estar dissociada do contexto do auge dos movimentos feministas da América Latina e especificamente na Argentina, onde encontramos diferentes gerações de companheiras com o objetivo de construir outros mundos com mais oportunidades e liberdades.

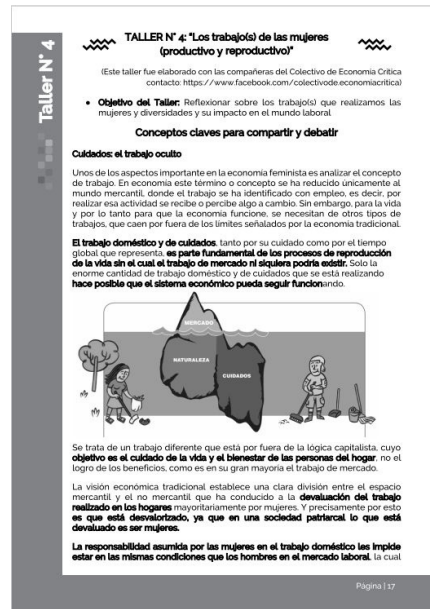
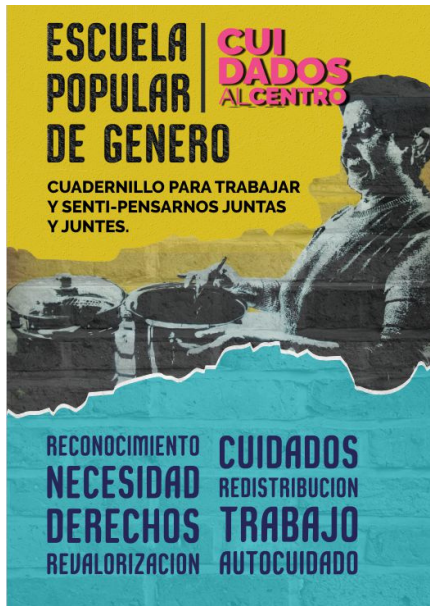


Encontramos mais companheiras e coletivas com a necessidade de começar a discutir a respeito da justiça econômica, a Economia Feminista e a questão dos cuidados. Começamos em 2021 uma Escola Popular chamada "Os cuidados no Centro". Convidamos outras organizações de mulheres, meninas e adolescentes; e conseguimos elaborar a partir da educação popular uma proposta político-pedagógica vinculada aos cuidados, resgatando seus próprios saberes e experiências.

Nesta escola, trabalhamos diferentes aspectos relacionados aos cuidados que tem relação, por exemplo, com o reconhecimento do trabalho não remunerado, a imigração e os direitos das trabalhadoras domésticas, a importância de pensar em como construir cidades feministas; como queremos cuidar e como queremos que cuidem de nós, o conceito de interdependência como uma proposta política onde o feminismo vem dizer que todas, todes e todos necesitamos de cuidados ao longo de nossas vidas.

Também trabalhamos em relação ao tempo dos cuidados, problematizamos as paternidades e como elas estão envolvidas ou não nos cuidados, como os cuidados impactam em nossos projetos de vida e de trabalho, em nossos tempos de lazer e recreação.

Somamos como proposta a dimensão política do autocuidado como um lugar para nos proteger e hierarquizar-nos. Se trata também de reconhecer e reivindicar os cuidados e o bem-estar de nossos corpos e nossa saúde mental; bem como a dimensão política destes para a sustentabilidade de nossos bairros e nossos lares.



Para acessar o livreto escreva para:

 cuidadosalcentro@gmail.com

Consideramos importante o reconhecimento social e econômico das mulheres que criam redes de cuidado comunitário contra a violência machista. Reconhecemos também o trabalho das companheiras nas cozinhas, nos restaurantes populares para garantir os cuidados as mais vulneráveis e vulnerabilizadas; ainda mais no contexto político e econômico da Argentina que tem submetido o país a uma dívida onde as mulheres são as variáveis de ajuste nos processos estruturais e precarização da vida.

Por essa razão, neste 8 de março, as argentinas saíram com o lema "a dívida é com o povo, a dívida é conosco". Não só falamos de reconhecimento e redistribuição, falamos de representação; porque temos que estar nesses lugares onde hoje está sendo discutida a dívida, a política econômica, onde tem que estar representadas as trabalhadoras comunitárias, dos setores de cuidado como as de educação e saúde.

Da mesma forma, acreditamos que é importante seguir tencionando o conflito capital-vida, seguir nos organizando a nível global. Embora saibamos que o feminismo se manifesta a nível local com resistências cotidianas, também estamos contribuindo para esse movimento em nível mundial onde não só nos permite pensar outra forma de economia, mas ver o Estado como um lugar que tem que ser disputado.

Por exemplo, nossa Escola Popular foi financiada pelo Ministério das Mulheres, Gêneros e Diversidade da Nação. Reconhecemos isso como uma conquista do movimento das mulheres, pois desde 2019 existe um Ministério que discute que políticas econômicas e que economias políticas queremos para nossas vidas.

Para ter Justiça Social necessitamos de justiça de redistribuição dos trabalhos de cuidado. Nisso queremos ressaltar a importância de reconhecer aquelas companheiras que vivem essa injustiça a nível global, as companheiras que migram, que são racializadas, exploradas, que estão em situação de vulnerabilidade e não só a nível de trabalho, mas também pessoal.

Tudo isso tem que ser visto por uma chave feminista popular, ou seja, deve estar atravessada pelo gênero, pela raça, pela sexualidade. Não pode deixar de ser interseccional e latino-americana.



AGRADECIMENTOS:


Agradecemos a todas e todos por participarem deste espaço de intercâmbio, aprofundando os laços entre as organizações que vêm trabalhando juntas para a construção de um mundo mais justo e igualitário.

Como propusemos no início desse diálogo intertemático, a Economia Feminista tem como preocupação central a questão distributiva, oferecendo ferramentas com lentes de gênero para analisar nossas realidades. Tem um forte sentido político e é por isso que hoje queríamos compartilhar com vocês experiências concretas que ressignificam os conceitos e práticas econômicas, fortalecendo os laços comunitários e apostando na sustentabilidade da vida.




Marzo 2022



 www.mercosursocialsolidario.org

 @MercosurSocial

 Plataforma Mercosur Social y Solidario

 @MercosurSocial